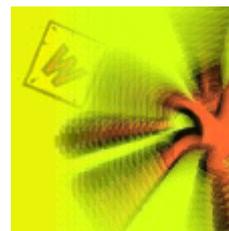


[Atendimento](#)[Assinaturas](#)[Classificados](#)[Promoções](#)[Serviços](#)[Fale conosco](#)

Catanduva/SP - Quarta-Feira, 24 de Maio de 2006

**Edição impressa**[Artigo ▶](#)[Cidades ▶](#)[Cinemas ▶](#)[Comunidade ▶](#)[Cultura ▶](#)[Divirta-se ▶](#)[E-mails e mensagens ▶](#)[Editorial ▶](#)[Entrevista Domingo ▶](#)[Esportes ▶](#)[Geral ▶](#)[Manchetes - Edições](#)[Anteriores ▶](#)[Polícia ▶](#)[Política ▶](#)[Regional ▶](#)[Resultados das](#)[Promoções ▶](#)**Colunas**[Café Minuto ▶](#)[Mulher in ▶](#)[Horóscopo ▶](#)[Motivação ▶](#)[Peneira Fina ▶](#)[Qualidade de Vida ▶](#)[Sociedade ▶](#)[Consulta](#)[Numerológica ▶](#)**Canais**[Eventos ▶](#)[Galeria de imagens ▶](#)[Índice de Notícias ▶](#)**Últimas notícias**

23/05/2006 - Polícia

Homem, solteiro, jovem e com pouco estudo: é o preso de SP*Os solteiros têm um risco quase cinco vezes maior do que os demais***Da Redação**

A educação não é o principal fator de risco para um indivíduo ser preso no Estado de São Paulo, ao contrário do que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou.

De acordo com o estudo "Retrato do Presidiário Paulista", da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o risco de o homem ser preso é 46 vezes maior que o da mulher, enquanto quem não completou o ensino fundamental tem duas vezes mais probabilidade de ir para a cadeia do que os mais bem educados.

Após o sexo, vem o estado civil. Os solteiros têm um risco quase cinco vezes maior do que os demais.

Para o pesquisador do Centro de Políticas Sociais, Marcelo Neri, "os solteiros são mais propensos a aceitar riscos porque não têm família constituída, o que, por outro lado, limita o custo social imposto a parentes".

Apenas em terceiro lugar aparece o quesito escolaridade, empatado com a idade. Pessoas com até seis anos de estudo têm duas vezes mais chances de estarem presas do que aquelas que estudaram mais.

Na mesma proporção, os jovens com idade entre 18 e 35 anos também correm o dobro de risco de ser presidiário do que pessoas em outras faixas etárias.

O estudo foi feito com uma amostra de 5.400 presidiários paulistas, através do processamento dos microdados do Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Ele comparou esse segmento com o conjunto da população adulta paulista.

Os presidiários são homens (97%), jovens com idade entre 20 e 29 anos (54,5%) e solteiros (80,6%). Na população paulista esses percentuais são 48%, 18,2% e 23,4%, respectivamente.

Em relação à educação, houve pouca variação no percentual de analfabetos (8,2% entre os presos e 7,5% no restante da população), mas uma diferença significativa entre aqueles que não completaram o ensino fundamental (78% entre os presos e 52% na população paulista).

Os negros e pardos são 35,8% entre os presos e 26,3% na população. Os deficientes são 6,5% nos presídios e 15,7% na população.

Leia o

O RE

O jornal qu

92

LIGUE 1

353

EUA - Os fatores raça (cor da pele) e migração (nativo ou migrante) são bem menos significativos no que se refere a aumentar a probabilidade de prisão.

"Nos EUA a raça é o principal fator de risco, o que é muito diferente da nossa realidade", exemplificou Néri.

Fatores - O pesquisador isolou o que supunha ser os fatores de risco da criminalidade - sexo, idade, religião, escolaridade, estado civil, raça e migração - e criou um programa de computador para calcular o risco de um indivíduo com um desses fatores negativos vir a ser preso.

Essa análise pode ser feita pela internet, através da página <http://www.fgv.br/cps>

O objetivo da pesquisa, segundo Neri, é facilitar a criação de políticas públicas destinadas a reduzir a criminalidade.

"Quem quiser criar um programa com esse intuito numa área de risco deve preferir a área esportiva, em vez de balé, porque o público-alvo deve ser os meninos", orientou.

Para Neri, o investimento em creche e pré-escola é fundamental para igualar as oportunidades entre ricos e pobres. " É a fase onde a educação tem mais retorno", afirmou.

Na comparação entre a amostra de presidiários e o restante da população paulista, o dado que mais chamou a atenção do pesquisador foi a quantidade de presos com religiões alternativas (espíritas, afro-brasileiras e evangélicas).

"Não sei se tem alguma coisa a ver com o PCC (Primeiro Comando da Capital), mas com certeza é um dado que tem que ser estudado", disse ele.

Enquanto na população paulista esse percentual é de apenas 1,9%, entre os presidiários chega a 26,6%.

O número de presos sem religião (11,7%) também é quase o dobro do que na população de São Paulo (6,4%). Por outro lado, o percentual de católicos e evangélicos é menor entre a massa carcerária.

(Fonte: Agência Estado)

Comente esta notícia |  Envie para um amigo

